

A ENVIAR AS COMISSÕES POLÍTICAS
CONCELHIAIS CONFORME SOLICITAÇÃO DOS
SEUS AUTORES 288 9/7/82
F.J.

CARTA AOS MILITANTES DO PSD

1. Há momentos na vida partidária em que é necessário aceitar o incômodo de abandonar a comodidade de estar calado. Pelo que conhecemos da situação portuguesa e pelo respeito e admiração que nos merecem aqueles que, tal como nós, são militantes do PSD, não seria correcto continuar a manter o silêncio. Impõe-se dizer-vos abertamente o que pensamos em relação a questões que consideramos cruciais para o futuro do país e para a sobrevivência das ideias que defendemos. É essa a razão desta carta aos militantes do PSD, enviada às Comissões Políticas Distritais e cuja publicação foi pedida ao "Povo Livre".
2. Pensamos que a evolução da nossa situação económica, política e partidária e as perspectivas futuras são motivo da maior preocupação. A crise em que nos encontramos era, na maior parte dos seus aspectos, previsível pelo menos desde meados de 1981 e para ela alertámos, tal como outros, por mais de uma vez. Hoje os factos são bem conhecidos, interessando salientar aqui apenas uns quantos aspectos.

Ao nível da AD têm-se multiplicado os sinais de desarticulação e desconfiança interna. As crises governamentais sucedem-se, envolvendo quase exclusivamente representantes do PSD, o que afecta inevitavelmente a força e a credibilidade do Par-

tido. A entrada para o Governo, na recente remodelação, de pessoas que no passado recente estiveram abertamente ao lado do General Eanes, contra o PSD e a AD, numa luta durante a qual perdeu a vida o líder do nosso Partido, fere princípios que consideramos básicos para a sua estratégia.

A actuação do General Eanes tem provocado instabilidade política e criado dificuldades à resolução dos graves problemas que o País enfrenta. Beneficiando dos erros alheios, tem procurado desacreditar e enfraquecer os partidos democráticos e tem alimentado o desenvolvimento de projectos ambíguos que vão claramente contra os interesses e os princípios do PSD.

A situação económica e financeira tem vindo a degradar-se de tal modo que pode comprometer, durante vários anos, o desenvolvimento do País e a melhoria das condições de vida da população e ter graves consequências nos planos social e político. A limitação das perspectivas futuras que se oferecem à juventude não pode deixar de ser vista com grande preocupação, tal como a frequência com que a palavra corrupção surge nos meios de comunicação social e nas conversas dos cidadãos. A falta de confiança e a insegurança que se instalaram aos mais variados níveis da vida económica portuguesa são o principal obstáculo à inversão da tendência que se tem vindo a desenvolver. Volta a falar-se com frequência em "País adiado".

No nosso Partido, o desencanto, o desânimo e a desmotivação atingem um número crescente de militantes, principalmente entre aqueles que, sem nunca esperar recompensa, ajudaram a vencer as lutas difíceis que houve que travar no passado e ergueram o PSD à posição de maior Partido português. Surgem vozes de militantes recordando que o poder só se justifica como meio de realizar um projecto que acreditamos ser o mais válido para a promoção do bem estar das populações e para o futuro do País.

Outros, desiludidos, dizem que vão abandonar a vida partidária. Assiste-se, nalguns casos, ao desenvolvimento de um certo mal estar dentro do Partido, que prejudica o seu funcionamento da democracia interna. O grupo parlamentar evidencia sinais de desorganização.

A oposição revela incompetência e incapacidade e está desacreditada perante a opinião pública, não constituindo uma real alternativa. No entanto, tal não pode servir de conforto para o PSD e a AD, antes aumentando a sua responsabilidade perante o País.

Mas, mais grave que a própria crise em que vivemos (e cujo reconhecimento é hoje generalizado) é a atitude de resignação e de impotência para alterar o curso dos acontecimentos que se vai apoderando de muitos de nós, principalmente daqueles que têm responsabilidades nos órgãos do Partido. Impõe-se lutar contra esta atitude, que nem está de acordo com a força e a capacidade que o PSD demonstrou no passado para ultrapassar momentos bem mais difíceis, nem é consistente com os deveres assumidos para com o eleitorado que, acreditando em nós, deu a vitória à AD nas últimas eleições legislativas.

3. É imperioso que o Governo regane a confiança da maioria dos portugueses, principalmente do eleitorado da AD. O Governo tem que transmitir uma imagem de firmeza, determinação, capacidade e competência para resolver os problemas do País e realizar a mudança prometida. A AD tem que readquirir a coesão indispensável à eficácia da acção governativa.

É preciso criar um clima de responsabilidade no País, sem o qual não há progresso económico e social. Impõe-se combater

com todo o vigor a impunidade que reina aos mais variados níveis da vida portuguesa. Cometem-se erros e no dia seguinte tudo continua como se nada tivesse acontecido.

É urgente restituir ao PSD a clareza e a firmeza na execução da sua estratégia, fortalecer o discurso político, responder adequadamente aos adversários e reganhar uma imagem de força, coerência e credibilidade. É preciso impedir a penetração do General Eanes no PSD, evitar que ele possa vir a influenciar a estratégia do partido e a escolha dos seus dirigentes. É imperativo acabar com a dúvida de que o General Eanes é um adversário político do PSD. É preciso deixar bem claro que é firme disposição do Partido respeitar e defender os compromissos assumidos no âmbito da AD até 1984, incluindo os pressupostos básicos, que lhe estão subjacentes, de orientação predominantemente social democrata na acção governativa e manutenção do PSD como maior partido. É preciso afastar quaisquer dúvidas sobre a posição do Partido em caso de dissolução da Assembleia da República. A única mudança válida em relação à AD é ainda a própria AD, coesa e renovada.

É urgente restabelecer um clima de sã convivência democrática no interior do PSD, restituir aos militantes a confiança de que somos e continuaremos a ser o maior Partido português, mobilizar todos para a realização do projecto político que nos foi legado pelo fundador e militante número um do Partido. As cúpulas partidárias têm que aproximar-se mais das estruturas locais, de forma a que o sentir e a vontade das bases sejam realmente ouvidos e tidos em conta. É preciso combater o oportunismo e impedir que a burocracia partidária asfixie a voz dos militantes. Ninguém deve abandonar o Partido.

4. Estamos convencidos que já não é possível ultrapassar a crise em que nos encontramos sem uma mudança na chefia do Governo e na presidência do PSD.

O Dr. Pinto Balsemão, que teve a coragem de assumir a liderança do PSD e do Governo em momento bem difícil da vida do Partido e do País, sendo por isso credor do respeito de todos os militantes, deve agora assumir um sentido nacional e reconhecer que a sua substituição é necessária e fazer todo o possível para que ela se processe sem perturbação.

Reconhecer que as circunstâncias exigem que nos afastemos de certos cargos, colocando os interesses do País e do Partido acima dos nossos próprios interesses, é um acto de elevação e nunca um acto de derrota.

É óbvio que esta mudança exige a cooperação do actual Primeiro Ministro. Depende, em grande parte, do Dr. Pinto Balsemão que a sua substituição se processe com dignidade, sem criar divisões dentro do PSD e instabilidade política no País, sem agravar os problemas económicos e sem perturbar a revisão constitucional que é urgente completar.

A necessidade de mudança ao nível da chefia do Governo e da presidência do Partido é desde há algum tempo amplamente reconhecida em privado por militantes do PSD, mesmo por muitos que ocupam lugares destacados na hierarquia partidária. A situação portuguesa não se compadece com a continuação de atitudes deste tipo e com o medo de assumir a responsabilidade de mudar. Devem as bases do PSD, como verdadeiro motor do Partido, exigir que os membros dos órgãos nacionais tenham a coragem de enfrentar o problema, abertamente mas com serenidade e ponderação, e tenham a coragem de assumir a responsabilidade

de procurar uma solução, porque está em causa o futuro do País e do Partido e a credibilidade das instituições democráticas. A situação é suficientemente clara para que nos órgãos nacionais do Partido alguém possa fugir às suas responsabilidades invocando desconhecimento. Consideramos que não é necessário qualquer Congresso extraordinário que, nas presentes circunstâncias, não deixaria de ser bastante negativo para o País.

5. É provável que esta nossa atitude de defender abertamente a urgência de uma mudança na liderança do PSD e do Governo leve algumas pessoas a desencadear contra nós as mais variadas campanhas. É algo que nos importa muito menos do que a intranqüilidade de assistir passivamente à degradação da situação do País e do Partido.

Não podemos contudo contribuir para que tudo continue na mesma, dando azo a que alguns procurem retirar da nossa atitude novas forças para continuarem a ocupar certos lugares, através da acusação fácil de que outra coisa não pretendemos que a ascensão ao poder, substituindo aqueles que lá se encontram. A experiência é bem esclarecedora a este respeito e não deve ser esquecida. É assim absolutamente indispensável dizer aos militantes do PSD que não aceitaremos substituir o Dr. Pinto Balsemão na chefia do Governo ou do Partido, nem aceitaremos qualquer lugar num novo Governo que venha a ser formado. Esta afirmação, que não podia deixar de ser feita aqui e que os militantes compreenderão, não cria, como é óbvio, qualquer dificuldade à resolução do problema. O PSD é um partido suficientemente rico em valores humanos para indicar um novo Primeiro Ministro que contribua para a inversão das tendências negativas que têm vindo a desenvolver. Outra coisa não seria aceitável para o maior Partido português e os membros dos órgãos nacionais

devem estar conscientes disso. Devemos assim confiar, por agora, que no exercício das responsabilidades para que foram eleitos eles sejam capazes de escolher um substituto para o Dr. Pinto Balsemão que dê garantias de seguir a linha exigida pela continuação do PSD como maior Partido e pelo avanço do projecto social democrata em Portugal e que seja susceptível de ser bem aceite pelas bases. Deve assim ser um militante que através das vicissitudes político-partidárias tenha sempre mantido o sentido e a prática da unidade e a identidade de princípios do Partido.

A falta de alternativas, algumas vezes agitada, é uma falsa questão que deve ser liminarmente rejeitada pelos militantes. É uma questão que serve apenas de refúgio para que tudo continue na mesma e para esconder alguma falta de coragem para assumir a responsabilidade de procurar soluções para os problemas que enfrentamos. É de recear a continuação da crise em que vivemos, mas pensamos que não se deve ter medo de realizar, agora, as mudanças necessárias. Se existe indiferença e resignação ao nível das cúpulas, compete às bases, conscientes da responsabilidade que cabe ao Partido na vida portuguesa, reafirmar que ele está vivo e que a coragem não morreu..

Converteza que alguns nos irão acusar de estar ao serviço deste ou daquele grupo e de outras maquinações. São custos que achamos que vale a pena suportar, porque demasiado pequenos quando comparados com o que está em causa. Àqueles que, como nós, são militantes do PSD dizemos que na vida partidária estaremos sempre onde, na defesa dos princípios, da coerência e dos interesses do País, entendemos convictamente que devemos estar.

Saudações sociais democratas.

Cavaco Silva

Eurico de Melo

6.7.82